

*CORPO E ENVELHECIMENTO: UM ESTUDO  
DE CASO EM UNIVERSIDADE ABERTA  
À TERCEIRA IDADE*

Tadeu João Ribeiro Baptista<sup>1</sup>

resumo

A Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) tem sido uma forma de trabalhar o processo educativo com idosos. O objetivo deste texto é discutir o desenvolvimento da disciplina Corpo e Envelhecimento em uma UNATI. A metodologia adotada foi um estudo de caso descritivo com características da pesquisa-ação. Os resultados mostram que os idosos apresentam o corpo predominantemente por seus aspectos negativos (61,11%) e, entendem que o corpo ideal deve ser Jovem (27,78%), Saudável (16,67%), Feliz (11,11%) e Produtivo (11,11%). A conclusão indica que as aulas de Corpo e Envelhecimento realizadas na UNATI, não conseguiram alterar as concepções de corpo apresentadas pelos idosos inicialmente.

palavras-chave

Corpo. Envelhecimento. UNATI. Idosos.

---

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física pela ESEFEGO. Doutor em Educação – UFG, Professor Adjunto da Faculdade de Educação Física e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br.

## 1 Introdução

O processo de envelhecimento vem sendo um tema de discussão dentro da Educação Física nos últimos anos, devido a uma série de fatores. Entre eles, podemos levantar o fato de os dados do Ministério da Saúde (MS) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), terem informado um aumento na população idosa brasileira. De acordo com esta informação, atualmente, o Brasil possui 10,79% da população com idade acima de 60 anos (IBGE, 2011). Dados anteriores apresentados por Ramos, Veras e Kalache (1987) demonstram que na década de 1960 a população idosa do Brasil era de 4%, chegando na década de 1980 a 6% do total da população.

Já os dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD apud VERAS, 2007), realizada a partir de 1998, demonstram que em 2006 o Brasil atingiu 17 milhões de idosos, enquanto em 1960 eram apenas 3 milhões. Isso significa que houve um aumento de 600% no número de idosos no Brasil (VERAS, 2007). Nos últimos seis anos, ainda segundo estes dados, a população de idosos cresceu em 3 milhões. No entanto, para além de dados quantitativos do número e da expectativa de vida das pessoas idosas, deslocando-nos para um contexto social, existem elementos de estereotipização de tais pessoas, expressos pela ideia de feiura, improdutividade ou incapacidade. Minayo comenta que existem

[...] muitas formas de expressão: 'recolhimento interior' (eufemismo do afastamento do trabalho); a 'inatividade' (rotulação dos aposentados); excessivo foco na prevenção das possíveis doenças (medicalização da idade); frequente infantilização da vida da qual as festinhas da terceira idade são símbolos. É importante ressaltar que esse lugar social estereotipado, quase sempre se coloca na contramão do papel real dos idosos na conjuntura atual do País no que tange à vida econômica, política, cultural e social [...]. (MINAYO, 2011, p. 10)

Este processo de estereotipia, vivido pelo idoso, desconsidera uma série de informações relevantes sobre o seu papel social, como o número significativo de idosos chefes de família, trabalhadores com mais de 40 horas, entre outros (NERI, 2007b; MINAYO, 2011).

Mais grave que a própria estereotipia é a própria condição de preconceito vivenciada pelo idoso em seu cotidiano. Sobre esta informação pode se destacar:

[...] na pesquisa SESC/FPA 84% dos respondentes afirmaram que existe preconceito em relação ao idoso no Brasil. No entanto, cerca de 95% desses mesmos respondentes, independentemente da idade ou gênero, disseram que não têm

preconceitos em relação aos idosos. Se idosos e não idosos representativos da população pensam dessa forma, então quem seriam os preconceituosos a que se referem? Parece que eles próprios, embora de maneira implícita, uma vez que 27% dos idosos e 13% dos não idosos admitiram que velhice é sinônimo de doença, e que 31% dos idosos e 25% dos não idosos afirmaram que os velhos vivem no passado. Não terão percebido que suas crenças não levam em conta a grande heterogeneidade que existe entre os idosos, a qual inviabiliza fazer generalizações tão amplas, valendo para toda a categoria. Afirmações dessa natureza, configuram preconceitos (NERI, 2007c, p. 36).

Neste quadro de transição populacional, no qual o idoso assume diferentes papéis e condições econômicas, sociais e familiares perante este período da vida, é importante que existam atividades capazes de contribuir para o processo de interação social dos idosos, inclusive como forma de se tentar minimizar o nível de preconceito da sociedade, considerando a visão negativa que se tem do ser humano nesta faixa etária. Estas atividades devem se constituir tanto do ponto de vista domiciliar como do extradomiciliar, sendo esta uma forma com mais prazer, felicidade e minimização dos preconceitos (ALVES, 2007). Domingues e Derntl (2008, p. 169) defendem a necessidade de construção de relações e redes sociais de apoio comunitário para os idosos, entre as quais podem ser identificados os “[...] programas que estimulem a autonomia dos idosos”. Essas atividades podem ser realizadas de várias formas e em diferentes instituições, entre as quais se pode mencionar a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

De acordo com Barreto et al. (2003), após a implantação da Política Nacional do Idoso de 1994, tem havido um estímulo ao estabelecimento das UNATI.

A experiência pioneira nesse sentido ocorreu em 1977, no Serviço Social do Comércio (SESC) em São Paulo (SP), com a criação da Escola Aberta para a Terceira Idade; em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas criou sua Universidade para a Terceira Idade. Na década de 90, essas experiências se multiplicaram por vários estados brasileiros. (BARRETO et al., 2003, p. 341).

No estado de Goiás, algumas instituições têm adotado o modelo da UNATI, principalmente como projeto ou programa de Extensão Universitária, voltado para o desenvolvimento de ações de inserção e o atendimento da pessoa idosa. Uma das instituições que adotou esta demanda foi a Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), criada no início da década de 1960 pelo Governador Mauro Borges e que atualmente é uma das unidades acadêmicas da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

A ESEFFEGO organizou a UNATI desde a década de 1980. De acordo com os dados apresentados no site da instituição:

A Unati foi criada em 1985 para realizar diversas atividades para levar qualidade de vida aos idosos. Além de promover atividades físicas [...], em 2006 o curso também incluiu na grade aulas teóricas que abordam assuntos sobre o direito do idoso, gerontologia (como envelhecer bem) e funcionamento do corpo do idoso [...]. O curso tem duração de seis meses e após esse período é realizado um outro curso chamado de “multiplicadores”, com duração de oito meses, onde os alunos repassam o que aprenderam no primeiro período. Após isso, há a certificação dos formandos e eles podem continuar na Unidade fazendo monitoria na Unati ou na comunidade (GOIÁS, 2012, p. 1).

Na primeira turma do curso com atividades teóricas da UNATI da ESEFFEGO em 2006, além das disciplinas indicadas pelo site, havia também uma voltada para a discussão a respeito do corpo e do envelhecimento. O foco central desta disciplina era fazer o diálogo necessário entre a concepção de corpo apresentado pela sociedade – como saudável, belo e produtivo – em confronto com o corpo envelhecido.

Esta disciplina se justificava naquele momento pelo fato de o corpo ser considerado belo e saudável, apresentando como predicado o fato de ser jovem, branco, forte e magro (GOELLNER, 2009; HASSE, 2009; SOARES, 2001). No contexto atual, o estado de um corpo envelhecido

[...] deixa de ser percebido como um produto da natureza e passa a ter assento no campo da cultura, pois é no espaço da subjetividade que se ancora o seu sentido. Assim sendo, ele não pode ser representado ou compreendido como entidade em si mesmo ou, simplesmente, um *continuum* linear, mas como um corpo, num *continuum* multidimensional no qual a raça, a geração, o gênero, a religião, a classe social formam especificações corporais. Mesmo que o homem se conceba autônomo, sua corporalidade não pode escapar dessa ordem de significações mais amplas (FERNANDES; GARCIA, 2011, p. 473, grifos do autor).

A maneira como homens e mulheres idosas percebem a forma e as características do corpo e a noção de envelhecimento pode variar, de acordo com os estudos de Araújo, Sá e Amaral (2011), Fernandes e Garcia (2010, 2011). Por isso, foi levantado como problema desta pesquisa: Quais são as concepções de Corpo Real e Ideal que os idosos da UNATI da ESEFFEGO apresentaram em três momentos da Disciplina “Corpo e Envelhecimento”, ministrada em 2006/1 naquela instituição?

A metodologia adotada foi de caráter descritivo, pois pretende descrever as pessoas, os seus valores, as suas normas e a sua educação (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa seguiu critérios éticos e os idosos autorizaram a divulgação dos resultados. É uma pesquisa qualitativa definida com características de um estudo de caso, realizado por meio de uma Pesquisa-Ação. De acordo com André (2002, p. 49), o estudo de caso é “[...] um estudo aprofundado de uma unidade em sua complexidade e em seu dinamismo próprio, fornecendo informações relevantes para tomada de decisão”. O estudo de caso pode analisar uma pessoa, família, grupo, ou conjunto de relações. Esta pesquisa adota as características de uma pesquisa-ação, a qual, segundo Thiollent (2002, p. 7), “[...] além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante”. Segundo este autor, o grande objetivo da Pesquisa-Ação é realizar ações de se identificar e resolver de maneira crítica as problemáticas dos lugares onde estas pessoas vivem através de uma ação transformadora, onde os procedimentos convencionais têm se apresentado ineficientes. É um importante instrumento de pesquisa para estudos realizados com grupos de pequeno e médio porte, instituições e coletividades.

Como forma de identificar os potenciais resultados da ação proposta, foram aplicados dois tipos de questionários em momentos diferentes do semestre (de acordo com o cronograma abaixo) para os 18 participantes do curso (17 mulheres e 1 homem), todos eles com idades acima de 60 anos, os quais possuíam escolaridade equivalente ao ensino médio ou superior:

1. 21/05/06 – Início das Aulas – um questionário de perguntas abertas com cinco Perguntas.
2. 12/06/06 – Final das aulas – aplicação de um questionário onde era solicitada a produção de três desenhos que representassem o corpo das pessoas.

Os dados foram apresentados após a sua análise para os idosos, com os quais foi possível dialogar e discutir os resultados.

Os dados quantitativos do questionário 1 foram analisados por meio de estatística descritiva (frequência e percentual) pelo programa Excel para Windows 2010. Os dados do questionário 2 foram analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2004). De acordo com esta autora:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discurso' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extracção de estruturas traduzíveis em modelos [...] (BARDIN, 2004, p. 7)

A partir desse modelo procurou-se atinar a compreensão do significado do corpo para os idosos. De acordo com a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2004), foi desenvolvido o processo de *pré-análise*, selecionando o material a ser analisado no contexto da pesquisa, identificando inclusive o seu nível de representatividade. Em um segundo momento foi realizada a *exploração do material*, pela qual se realizou a codificação dos elementos selecionados, permitindo-se o *tratamento dos dados*, tanto em aspectos quantitativos, como em aspectos qualitativos, de acordo com os instrumentos, possibilitando-se a inferência sobre os resultados e sua interpretação a serem apresentados a seguir.

### 3 Resultados e discussão

Os principais resultados dos questionários estão descritos nas tabelas apresentadas a seguir. Na tabela 1, é possível identificar o perfil por sexo dos entrevistados. Fica evidente que há um predomínio feminino nas atividades realizadas, semelhante aos estudos de Barreto et al. (2003) e Fernandes e Garcia (2010; 2011). Este processo é denominado na literatura de feminização da velhice. Do ponto de vista sociodemográfico associa-se a:

1) maior longevidade das mulheres em comparação com os homens; 2) maior presença relativa das mulheres na população idosa, principalmente nos estratos mais velhos; 3) crescimento do número de mulheres idosas que integram a população economicamente ativa; e 4) crescimento do número de mulheres e idosas que são chefes de família (CAMARANO et al., 2004 apud NERI, 2007a, p. 48).

Tabela 1 – Perfil dos Idosos Pesquisados da UNATI da ESEFFEGO.

Sexo	Frequência	%
Feminino	17	94,4
Masculino	1	5,6
Total	18	100,0

A tabela 2 apresenta a concepção de corpo dos idosos no início da disciplina (21/05), que demonstra uma perspectiva de corpo como componente anatômico (50,0%) e máquina (27,8%). Estas concepções demonstram um enfoque de perspectiva biológica, identificada frequentemente no senso comum.

Tabela 2 – Concepção de Corpo apresentado pelos Idosos no início da Disciplina sobre Corpo e Envelhecimento na UNATI/ESEFFEGO.

Concepção de Corpo	Frequência	%
Anatômico	9	50,0
Máquina	5	27,8
Outros	4	22,2
Total	18	100,0

Ao discutir a noção de um corpo anatômico ou máquina, existe a coincidência com os estudos de Ferreira e Baptista (2010), no qual se identificou uma perspectiva biológica. Também os estudos de Silva, A. C. et al. (2009) e Silva, A., Silva, F. e Lüdorf (2011) demonstram, em grupos diferentes, uma concepção de corpo. Embora estes estudos tenham sido feitos com graduandos de Educação Física, ou seja, com pessoas não idosas, os mesmos demonstram uma ideia de corpo à parte, a qual podemos inferir como um corpo visto como externo, perspectiva similar a apresentada pelos idosos pesquisados. O estudo de Daolio (1995), no entanto, questiona o corpo como meramente natural (biológico, anatômico), pois segundo o autor: “Para discutir com mais profundidade estas questões, estamos utilizando um referencial cultural. Não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural” (DAOLIO, 1995, p. 25). Tratar o corpo em seus aspectos sociais aponta para a necessidade de se considerar a constituição do corpo a partir das mediações estabelecidas pelo trabalho e, consequentemente, pelo modo de produção (BAPTISTA, 2013).

Na tabela 3, são apresentados os dados sobre a forma como as pessoas idosas entrevistadas percebiam o corpo. A análise realizada apresenta duas características centrais, sendo a primeira uma percepção positiva, descrita como de um corpo saudável, que atende às necessidades de vida diária para 7 informantes (38,89%) e, a segunda, na qual se encontram aquelas que apresentavam o corpo por suas características negativas, considerando o corpo doente, frágil, com dores, entre outros, corresponde a 11 pessoas (61,11%).

Tabela 3 – Forma de Percepção do Corpo dos Idosos Pesquisados

Percepção	Frequência	%
Positiva	7	38,89
Negativa	11	61,11
Total	18	100

No estudo apresentado por Fernandes e Garcia, é possível encontrar as seguintes percepções sobre o corpo das idosas pesquisadas:

As percepções e vivências das mulheres relativas aos seus corpos no contexto do envelhecimento, expressas no âmbito das entrevistas, bem como das oficinas de reflexão, convergiram em três categorias: 'as transformações negativas da velhice sobre o corpo'; as 'lembranças do corpo jovem' e a 'satisfação com o corpo'. A categoria relativa às transformações negativas da velhice sobre o corpo foi subsidiada por discursos que apontam para modificações na aparência – pele enrugada, cabelos brancos – e alterações da saúde, expressando que o tempo deixou sobre ele suas marcas. (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 881)

Por outro lado, sobretudo entre os homens, é possível diagnosticar uma forma diferente de ver o corpo, pois, conforme o estudo de Fernandes e Garcia:

Quanto aos achados, verificamos que a maioria (oito) dos idosos refere possuir corpos que guardam muitos atributos da juventude, evidenciando, portanto, poucos problemas. Quando estes emergem, não afetam a sua funcionalidade. Nesse contexto, eles rejeitam explicitamente incluírem-se na categoria social de *velho*. Afinal, um corpo bem disposto e hígido é um sinal de não velhice. (FERNANDES; GARCIA, 2011, p. 473, grifos do autor)

O estudo de Araújo, Sá e Amaral (2011, p. 475) ainda comenta sobre os aspectos considerados negativos nos corpos masculinos: “Os relatos estão intimamente ligados ao que é comum aos homens dessa faixa etária conforme sua percepção: a negatividade da velhice a partir da perda da força física e a falta de habilidade para a produção e o trabalho típicos da sociedade capitalista”. Outro estudo realizado por Ferreira e Simões identifica-se que:

Quanto ao resultado dos dados, surgiram no estudo doze categorias, sendo uma das convergências (33.33%) esta representada pela visão de corpo *Envelhecido*, referindo-se a um corpo velho, antiquado, fatigado, infeliz e ruim.

Vemos que os próprios idosos possuem uma representação negativa da velhice, como se necessariamente o corpo envelhecido gerasse sempre decadência, cansaço, tristeza. Neri (1998) destaca que o desconhecimento do que significa ser velho induz a práticas com foco ideológico, que contribuem para a manutenção e a propagação de mitos, estereótipos e preconceitos acerca da velhice. (FERREIRA; SIMÕES, 2006, p. 3, grifo das autoras)

A internalização dos aspectos negativos por parte dos idosos também é relatada por outros estudos como os de Neri (2007a; 2007c), de Venturi e Bokany (2007) e Minayo (2011). Este último comenta sobre o estigma de negatividade do idoso como algo descartável:

O pior deste tipo de mito é que os próprios idosos costumam internalizá-los, tornando-se menores e menospotentes do que poderiam ser. A ideologia do descarte é típica e muito relevante na sociedade ocidental e no caso, no Brasil, mesmo quando os dados objetivos [...] digam o contrário (MINAYO, 2011, p. 12).

Na tabela 4, são apresentados os dados sobre o modelo de corpo ideal mencionado pelas pessoas pesquisadas. Identifica-se que 27,78% consideram que o corpo ideal deve ser jovem, 16,67% consideram que o corpo deve ser magro e, 22,22% consideram que o corpo deve ser saudável.

Estes resultados coadunam com os dados apresentados por Araújo, Sá e Amaral quando os autores comentam:

[...] a valorização do corpo vai de encontro a uma ideologia comum nos meios de comunicação social, que permite o enraizamento de um contraponto utilizado por pessoas idosas ou ditas diferentes do padrão estético corporal socialmente proposto e apreciável, comum em situações de comparação social. Essa ideologia é socialmente aceita, [...] reconstruídas e compartilhadas nos quadros da convivência cotidiana. (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011, p. 476-477)

A forma da mídia, como expressão máxima da indústria cultural, disseminar a concepção de corpo ideal, contribui para a compreensão que estes idosos têm a respeito do seu próprio corpo. Afinal, mesmo as aberturas de novela, conforme apontam Baptista, Araújo e Brito (2009), contribuem para a disseminação deste modelo de corpo, sobretudo do padrão de corpo feminino. Para os autores, “As aberturas das novelas em questão, [...] apresentam um modelo de corpo específico, caracterizado pela juventude, magreza, altura elevada, [...] e pele branca [...]. Este perfil [...] tende a fortalecer certas referências destacadas socialmente” (BAPTISTA; ARAÚJO; BRITO, 2009, p. 1082).

Esta forma de considerar o corpo ideal como aquele jovem vem também da perspectiva de vida de cada pessoa, pois, como comentam Fernandes e Garcia:

Ante essas faltas (saúde, agilidade, beleza) evidenciadas num corpo que é o limite e a extensão do contato/relação com o mundo, as idosas que não gostam de seus corpos apresentam, como indicadores comuns, o recordar do corpo jovem que possuíam tempos atrás, na mocidade. Elas comparam as atividades executadas quando jovens e atualmente, em função do corpo já estar cansado, envelhecido [...], julgam possuir um corpo de certa forma imperfeito ou 'in-válido', [...]. (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 883)

Desse modo, um corpo ideal precisa apresentar algumas características para ser considerado como tal, pois, do ponto de vista da sociedade, apenas um corpo jovem, magro e aparentemente saudável pode ser visto como aquele desejado, porquanto o corpo idoso é visto como repleto de doenças, debilidade física, desânimo e dependência (VENTURI; BOKANY, 2007). Por outro lado, não se pode deixar de destacar a perspectiva que alguns dos entrevistados (2 = 11,11%), que admitem que o corpo ideal deve ser feliz e, assim, as características que podem ser consideradas orgânicas passam a não ter tanta importância neste contexto. Este dado coincide com Venturi e Bokany (2007), quando os idosos investigados respondem à pergunta de como se sentem com a idade que têm e respondem espontaneamente como satisfeitos ou felizes (48%), com disposição para as suas atividades (29%) e com vontade de viver e ânimo (27%).

Tabela 4 – Modelo de Corpo Ideal para as pessoas idosas pesquisadas

Modelo de Corpo Ideal	Frequência	%
Jovem	5	27,78
Magro	3	16,67
Saudável	4	22,22
Feliz	2	11,11
Outros	4	22,22
Total	18	100

Na tabela 5, são apresentados os dados relacionados à percepção dos idosos sobre o significado de um corpo perfeito. De acordo com os resultados 12 (66,67%) das pessoas idosas consideram que perfeito é o corpo saudável, 3 (16,67%) consideram que o corpo perfeito deve ser produtivo, 2 (11,11%) consideram que o corpo perfeito deve ser feliz e apenas 1 (5,56%) aponta para a ideia de qualidade de vida.

Tabela 5 – A Percepção de Corpo Perfeito Segundo a Visão dos Idosos Estudados

Corpo Perfeito	Frequência	%
Saudável	12	66,67
Produtivo	3	16,67
Feliz	2	11,11
Qualidade de Vida	1	5,56
Total	18	100,00

Um aspecto a ser destacado nestas discussões diz respeito ao entendimento de perfeição relacionada à ideia de corpo saudável. Adentrando estas informações com os dados da tabela 2, é possível inferir que a concepção de corpo dos idosos não extrapola a dimensão biológica do ser humano. Provavelmente, pode estar embutida neste contexto a noção de saúde como mera ausência de doença ou como bem-estar físico, mental e social, como é apresentado no estudo de Baptista et al. (2010). Apesar de o público ser diferente e os idosos não definirem saúde, as relações sociais e o senso comum apontam para a perspectiva reduzida de saúde.

Ainda neste contexto, outra resposta importante é a ideia apresentada de que o corpo perfeito é o corpo produtivo. Aqui, provavelmente, pode-se coligir com a ideia de os idosos pensarem na possibilidade dos seus corpos, não serem mais produtivos. O corpo do idoso é visto como improdutivo, pois:

O indivíduo vivencia, portanto, um luto antecipado quando tem uma consciência deturpada relativa à deterioração, já que se vê desprovido de beleza, de saúde, e improdutivo. Ele pensa estar em um processo de declínio, fato que destrói a fantasia de imutabilidade e de imortalidade; nesse sentido, o sofrimento que advém do corpo e do olhar do outro tornam o idoso bem mais modesto em suas reivindicações (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011, p. 471-472).

Desse modo, o corpo perfeito apresentado pelos idosos tem uma relação com a noção de produtividade, a qual se demonstra perdida ao longo do tempo, construindo a negatividade encontrada nos estudos de Neri (2007b; 2007c) e Minayo (2011).

No Brasil, pesquisas que envolvem a imagem corporal de pessoas com 60 anos ou mais demonstram a visão simplificada e negativa a respeito do próprio corpo [...]. O fato de reduzir a velhice ao âmbito físico tem uma repercussão sistemática na qualidade de vida dos idosos, porque essa concepção pode se estender ao comportamento, à personalidade e à identidade, refletindo-se no rol de relações sociais do idoso (MAIA, 2008 apud ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011, p. 471-472).

Estas relações entre os dados empíricos e os dados da literatura apresentam fatos vinculados à produtividade do corpo a partir da perspectiva do corpo físico, sem haver ampliação da concepção do corpo, desenvolvendo-se uma tendência de compreendê-lo de forma limitada. O estudo de Ferreira e Simões (2006, p. 3, grifo dos autores), apresentando traços de imagem corporal de idosos asilados, demonstra: “Quanto à limitação, 22.22% dos entrevistados disseram que seus corpos eram *Limitados*. Esta ideia está associada à independência nas atividades diárias, incluindo a locomoção”. Destarte, esta análise reflete o preconceito quanto à capacidade funcional, econômica e social do idoso, também relatada nos estudos de Minayo (2011) e de Venturi e Bokany (2007).

Apesar da quantidade reduzida de respostas, a qualidade de vida<sup>2</sup> também aparece como um componente importante para os idosos. Embora haja dificuldade de definir qualidade de vida, podendo ser entendida por abordagens médicas, socioeconômicas, psicológicas, adotamos uma compreensão clássica, do tipo global, apresentada por Seidl e Zannon (2004, p. 582): “[...] qualidade de vida é a extensão em que prazer e satisfação têm sido alcançados”. Ao se refletir sobre os idosos, esta concepção parece adequada considerando a necessidade destes compreenderem esta fase da vida como possível para se ter prazer e satisfação com todas as suas construções e os processos de vida diária. Esse conceito não se restringe ao contexto biológico, mas é multi-dimensional, sendo dimensões importantes para a compreensão da qualidade de vida os aspectos físico e psicológico, bem como nível de independência, relações sociais, dimensão ambiental e religiosidade (GONÇALVES; VILARTA, 2004, p. 35-37).

---

2 A discussão sobre qualidade de vida precisa ser aprofundada no contexto das pessoas idosas. Mesmo não havendo espaço neste texto, sugerimos a leitura de Gonçalves e Vilarta (2004).

Além dos dados apresentados e discutidos ao longo do curso com os idosos, foi traçado, como um dos objetivos da disciplina, modificar as compreensões de corpo. No decorrer das aulas, procurou-se avaliar o impacto da disciplina. Com este intuito, foi aplicado um segundo questionário baseado em desenhos, o qual apresentava as seguintes questões: 1) Como você vê seu corpo hoje? 2) O que é corpo ideal? 3) Que corpo você gostaria de ter?

Nesta fase da pesquisa, o aluno do sexo masculino não estava presente, por isso, a amostragem passou a ser composta apenas por mulheres, constituída ao todo por 18 mulheres. O primeiro resultado diz respeito à percepção de corpo.

Na tabela 6, foi comparada a percepção de corpo apresentada após as aulas. Não foi possível identificar mudanças, pois, das idosas entrevistadas no segundo momento, 33,33% apresentaram uma visão mais positiva do corpo contra 38,89% do primeiro questionário. Entretanto, apesar desta pequena redução, uma delas (5,56%) não informou ou não foi possível identificar a percepção apresentada. Por outro lado, 11 pessoas (61,11%) continuaram apresentando uma visão negativa, exatamente o mesmo percentual do primeiro questionário (61,11%). Isso indica que até aquele momento, não se modificou a concepção que os idosos apresentavam sobre o corpo e a velhice. Provavelmente, a história de vida das pessoas, as influências sociais e econômicas estabelecidas pela mídia contribuem para isso, tendo em vista a ideia de um idoso improdutivo, mesmo não sendo este os dados apresentados em outros estudos (NERI, 2007a; 2007b; 2007c; VENTURI; BOKANY, 2007; MINAYO, 2011).

Tabela 6 – Percepção de Corpo apresentado na segunda coleta de Dados

Percepção do Corpo	Frequência	%
Positiva	6	33,33
Negativa	11	61,11
Não Informou / Não foi possível identificar	1	5,56
Total	18	100,00

Os dados reforçam os achados de Ferreira e Simões (2006, p. 3), Neri (2007b) e Minayo (2011), como já foi mencionado anteriormente.

Na tabela 7, foi possível identificar o corpo ideal como jovem (5 = 27,78%), saudável (3 = 16,67%), feliz e produtivo com duas respostas (11,11%) cada uma, entre outras possíveis (6 = 33,33%). Assim, é possível reconhecer a permanência da compreensão de corpo jovem e feliz (27,78%, 11,11% nas duas coletas respectivamente), a redução da compreensão de corpo saudável de 22,22% para

16,67% e de corpo produtivo de 16,67% para 11,11%. De acordo com os estudos de Venturi e Bokany (2007), os idosos com visão positiva destacam a felicidade e a sabedoria como uma das vantagens de se chegar a este momento da vida. Esta segunda avaliação, portanto, continua reforçando a ideia de corpo jovem como ideal, coincidindo com outros estudos (FERNANDES; GARCIA, 2010; GOELLNER, 2009; HASSE, 2009).

Do fato dos idosos entenderem o corpo como ideal quando possuem juventude, saúde, felicidade e produtividade, pode-se deduzir outra relação destacada no estudo de Ferreira e Simões (2006): a perspectiva de um corpo antigo melhor. Em seu estudo, as autoras afirmam:

Outro item, presente na palavra de 33.33%, *Prefere o Corpo de Antigamente*, dando a idéia de apresentar dificuldades em aceitar sua identidade na velhice. Beavouir (1970) relata que o sujeito cria uma espécie de 'mascara do envelhecimento', que estaria imposta ao corpo escondendo a identidade da pessoa, a qual continua sendo essencialmente a mesma da juventude. Esse fato demonstra a dificuldade de aceitar a nova identidade da velhice, a nova realidade corporal (FERREIRA; SIMÕES, 2006, p.3, grifo das autoras).

#### Também é possível refletir sobre o fato de as idosas considerarem:

[...] no curso do envelhecimento, o ser humano é impelido a confrontar a desqualificação do corpo envelhecido, marcada pelos limites inexoráveis do tempo que marcam essa fase da vida. Esses limites são representados, não só pelas modificações estéticas do corpo, mas, também, pelo seu adoecimento, situação expressa de forma muito nítida na fala das mulheres: 'a saúde é pouca – muita artrose, muitas dores [...]. Não tenho a ligeireza de antigamente'; '[...] Esse corpo quer destruir minha saúde [...]. É um corpo que precisa de cuidados físicos' (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 883).

Tabela 7 – O padrão de corpo ideal apresentado na segunda coleta de Dados.

Corpo Ideal	Frequência	%
Jovem	5	27,78
Saudável	3	16,67
Feliz	2	11,11
Produtivo	2	11,11
Outros	6	33,33
Total	18	100,00

Na tabela 8, são apresentados os dados sobre o tipo de corpo que as idosas gostariam de ter. Destacam-se, como elementos mais importantes pelas idosas, a busca de um corpo livre e feliz para cinco idosas (27,78%), elegante/atraente e com luz para quatro participantes (22,22% em ambos os casos). Depois, com duas menções cada (11,11%), o corpo saudável e magro e finalmente a ideia de corpo jovem para uma idosa (5,56%).

De acordo com o estudo de Chodorow (1990 apud FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 887-888):

[...] a capacidade da mulher para maternar e suas habilidades para retirar disto gratificação são fortemente internalizadas e psicologicamente reforçadas, sendo construídas ao longo do seu processo de desenvolvimento, no interior da estrutura psíquica feminina. Não se trata de um 'produto da biologia' nem de um preparo intencional para a função.

E continuam ainda as autoras: “A organização social de gênero afeta, por conseguinte, os processos e as estruturas inconscientes tanto de homens como de mulheres” (SAFFIOTI, 1992 apud FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 888).

Tabela 8 – Que corpo gostaria de ter apresentado na segunda coleta de Dados.

Gostaria de um Corpo	Frequência	%
Feliz/Livre	5	27,78
Elegante/Atraente	4	22,22
Com Luz	4	22,22
Saudável	2	11,11
Magro	2	11,11
Jovem	1	5,56
Total	18	100,00

#### 4 Considerações finais

Ao final deste estudo, alguns aspectos devem ser considerados em relação às concepções de corpo, bem como à forma como os idosos pensam o corpo ideal e à percepção de corpo que os idosos têm de si próprios. A primeira coisa que se evidencia é a perspectiva de corpo apresentada no início das atividades: um corpo anatômico, um corpo máquina. Partindo desta perspectiva, os idosos apresentam aparentemente certa dificuldade de lidar com o corpo atual, pois, entre as análises realizadas, destacam o corpo envelhecido como tendo características negativas. Provavelmente, os processos sociais como o preconceito, as condições econômicas e as influências da mídia, contribuem para a construção de uma percepção negativa da maioria destas pessoas.

Assim, o corpo para os idosos tem características ideais quando é jovem, magro, saudável e feliz. Além disso, eles consideram o corpo perfeito a partir da noção de corpo saudável. Entretanto, é preciso considerar que o corpo, quando envelhece, não se torna necessariamente improdutivo e doente como afirmam Minayo (2011) e Neri (2007b). Ele apresenta atributos diferentes, os quais não são necessariamente ruins. Além disso, sugere-se a investigação sobre a ideia de saúde dos idosos em uma perspectiva ampliada.

Existem evidências consistentes da influência da Indústria Cultural, manifestas no interesse pelo modelo de corpo mencionado ao longo da pesquisa, fruto das determinações sociais (BAPTISTA; ARAÚJO; BRITO, 2009). Por outro lado, o grupo também valoriza a felicidade, a qualidade de vida e a luz dos corpos e da vida. Mesmo com a realização das aulas, não foram geradas influências significativas na percepção do corpo como algo negativo, improdutivo, anatômico. Isso demonstra a força da Indústria Cultural e das relações sociais neste grupo.

Esse fato indica que serão necessárias outras atividades e estudos mais aprofundados para compreender como uma ação educativa realizada com idosos em uma UNATI pode apresentar dados mais significativos em relação aos corpos idosos.

# BODY AND AGEING: A CASE STUDY AT AN OPEN UNIVERSITY PROGRAM FOR SENIOR CITIZENS

## abstract

The Open University Program for Senior Citizens (UNATI) has been a way to work the educative process with elderly people. The aim of this text is to discuss the development of the discipline Body and Aging in a UNATI. The adopted Methodology was a descriptive case study which has the action research characteristics. Data collected show that elderly people presents the body predominantly by negative aspects (61, 11%) and, they understand the ideal body must be young (27, 78%), healthy (16, 67%), happy (11, 11%) and prolific (11, 11%). The conclusion indicates that Body and Aging classes realized in the UNATI, failed to alter the body conceptions presented by the elderly first.

## Keywords

Body. Aging. UNATI. Elderly.

## referências

ALVES, Andréa M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 125-139.

ANDRÉ, Mari E. D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

ARAÚJO, Ludgleydson; SÁ, Elba Celestina do N.; AMARAL, Edna de B. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 468-481, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a04.pdf>. Acesso em: 07 maio 2012.

BAPTISTA, Tadeu J. R. *A educação do corpo na sociedade do capital*. Curitiba: Appris, 2013.

BAPTISTA, Tadeu J. R.; ARAÚJO, Danuza R. de; BRITO, Jaqueline C. de. Belíssima ou beleza pura: novela e modelo de beleza feminina. *Estudos*, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1073-1089, set./out. 2009.

BAPTISTA, Tadeu J. R. et al. Reflexões sobre o corpo em academias de ginástica de Goiânia. In: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2010, Brasília; CONGRESSO DISTRITAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2010, Brasília. *Anais eletrônicos...* Brasília: CBCE, 2010. p. 176-186. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2590/1159>. Acesso em: 26 abr. 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Kátia M. L. et al. Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira idade no estado de Pernambuco. *Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil*, Recife, v. 3, n. 3, p. 339-354, jul./set. 2003.

CARMO JUNIOR, Wilson do. Educação Física e a cultura da prática. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 361-371, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/15.pdf>. Acesso em: 07 maio 2012.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 24-28, jun. 1995.

DOMINGUES, Marisa A.; DERNTL, Alice M. Relações e redes sociais. In: JACOB FILHO, Wilson; GORZONI, Milton L. *Geriatrics e gerontologia: o que todos devem saber*. São Paulo: Roca, 2008. p. 165-180.

FERNANDES, Maria das G. M.; GARCIA, Loreley G. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. *Interface*, Botucatu, v. 14, n. 35, p. 879-890, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n35/aop2510.pdf>. Acesso em: 07 maio 2012.

FERNANDES, Maria das G. M.; GARCIA, Loreley G. O corpo envelhecido na percepção de homens idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 64, n. 3, p. 472-477, maio/jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a10.pdf>. Acesso em: 07 maio 2012.

FERREIRA, Luciane; SIMÕES, Regina Maria R. Traços da imagem corporal do idoso asiado. In: MOSTRA ACADÊMICA, 4., 2006, Piracicaba. *Anais eletrônicos...* Piracicaba: UNIMEP, 2006. p. 1-6. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais4mostra/pdfs/5.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2012.

FERREIRA, Terita M. da S.; BAPTISTA, Tadeu J. R. Estudo comparativo entre as concepções de corpo dos acadêmicos de educação física – UEG e PUC-GO – de 1º e 8º períodos. In: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. / CONGRESSO DISTRITAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2010, Brasília. *Anais eletrônicos...* Brasília: CBCE, 2010. p. 138-144. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2501/1161>. Acesso em 01 jul. 2011.

GOELLNER, Silvana. V. A produção de corpos hígdos: atividade física, saúde e nacionalismo no Brasil no início do século 20. In: GRANDO, Beleni S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Editora da Unijui, 2009. p. 75-92.

GOIÁS. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (Eseffego). *Atividades Comunitárias*: UNATI. 2012. Disponível em: <http://www.esseffego.ueg.br/unati.php>. Acesso em: 04 maio 2012.

GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA, Roberto (Org.). *Qualidade de Vida e Atividade Física: explorando teoria e prática*. Barueri: Manole, 2004.

HASSE, Manuela. Branca, limpa e alinhada: a ressignificação da natureza no processo de transformação do corpo feminino (1938-1972). In: GRANDO, Beleni S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Editora da Unijui, 2009. p. 53-73.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2010: características da população e dos domicílios – resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf). Acesso em: 04 maio 2012.

KITZINGER, Jenny. Grupos focais. In: POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 33-43.

MINAYO, Maria Cecília de S. Prefácio: envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo de vida brasileira. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da C. (Orgs.). *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. p. 7-15.

NERI, Anita L. Feminização da velhice. In: NERI, Anita L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007a. p. 47-64.

NERI, Anita L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007b.

\_\_\_\_\_. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007c. p. 33-46.

RAMOS, Luiz R.; VERAS, Renato P.; KALACHE, Alexandre. Envelhecimento Populacional: uma realidade brasileira. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo. v. 21, n. 3, p. 211-24, jun. 1987.

SEIDL, Eliane Maria F.; ZANNON, Célia Maria L. da C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, mar./abr. 2004.

SILVA, Alan Camargo et al. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 109-126, jul./set. 2009.

SILVA, Alan C.; SILVA, Fernanda A. G. da; LÜDORF, Sílvia M. A. Formação em educação física: uma análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 57-74, abr./jun. 2011.

SOARES, Carmen. L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara M.; RÚBIO, Kátia. *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 53-74.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIMÍÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, Anita L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 21-31.

VERAS, Renato. Fórum Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2463-2466, out. 2007.

Recebido em: 20/07/2012

Aceite final: 11/11/2014